

Pto
D.
Rua
P



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 4 de Novembro de 1978 * Ano XXXV — N.º 904 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CONTRASTES

Lembram-se, com certeza, da notícia dada sob esta epígrafe de um pequenito sem pais rejeitado por padrinhos e tios, por quem o Pároco, dorido, intercedia.

Pois jornal na rua em 7/10, logo dois dias após alguém reagia desta forma:

«Li no vosso jornal O GAIATO de 7 do corrente, em «Contrastes», a carta (apelo) que o sr. Padre Filipe lhe dirigiu.

Não sei se dizer que é chocante um caso desses, se choques desta natureza e de outras se nos deparam todos os dias quer lendo ou ouvindo as notícias.

A Casa do Gaiato não pode recebê-lo. Está cheia. Mas eu posso dar um arranjo nas coisas. Na minha casa (apartamento de um quarto, uma sala comum, cozinha e despensa) onde habito com minha esposa e minhas filhas, respectivamente de 2. anos e meio e oito meses, eu poderei receber esse rapazinho e dar-lhe o que não tem. Um divã na despensa ou na sala, onde melhor se arranjar lugar para tal, mas sai do «inferno» em que me parece viver.

Bem sei as responsabilidades que assumo. Tenho de lhe arranjar escola, mas isso, caso ele venha, irei tentar arranjar, até que outra porta mais rica — sob todos os aspectos — se abra para receber esse menino.

Compartilhará do que temos e do que vivemos com o meu ordenado de 5.650\$00 depois de paga a renda de casa. Não prometo casa rica. Mas prometo paz, sossego e amor, se eu serei capaz disso. Fome não passará, pois os meus Pais, da aldeia, vão-me ajudando (e de que maneira!) com o que a terra dá, à custa do seu suor e das minhas irmãs. Frio também não passará e isso até é o mais simples de resolver. A educação, para além da escola, dar-lha-ei dentro das minhas modestas possibilidades intelectuais.

Se V. desejar, pode mandar-me esse menino ou diga-me onde posso contactar com o sr. Padre Filipe para esse fim.

E é tudo por hoje e por esta vez.»

Nota da Quinzena

Foi sexta-feira de manhã. É Outono com chuvas, vento e frio. O «Papagaio» mais pequeno chamou-me: «Venha aqui a um senhor». Era um pai e um filho de 7 anos. A história é simples: «Tinha um lar constituído, zangámo-nos, estamos separados e queria fazer do pequeno um Homem». O pai chora e o filho também. Tudo caído neste mundo e só se ouviam soluços... O pai e o filho! — E então a mãe? — perguntei.

— Fugiu. E já não é a primeira vez. Antes de casar, ela era «mulher de todos». E eu tirei-a daquela vida. Agora, estávamos casados, mas... Aqui há tempos fugiu de casa vinte e dois dias. Bati-lhe. Nem sei se fiz bem ou mal... Então apa-

receu um senhor rico que gostava dela e ela fez-me a proposta de ir viver com ele e pagar um subsídio a mim e aos filhos...»

Basta, que «histórias» como esta não há muitas! Aquele homem falava com lágrimas a saltar dos olhos como as gotas da chuva caídas no chão seco depois das trovoadas. Mostrou-me as fotografias já escuras pela humidade dos maus tempos de Bragança. Trabalhou nas minas do estanho e do volfrâmio. Foi despedido, Tem 52 anos e, agora, reformado pelas doenças: silicose, coluna deslocada, rins descaídos, etc. Vive no Porto, em casa de familiares. Nas foto-

Cont. na 4.ª pág.

É admirável a fecundidade dos Pobres! E eu escrevo aqui com maiúscula com dupla intenção, porque se trata de alguém realmente pobre, e porque se evola desta mensagem um odor evangélico, lhe dá alma a santa Pobreza que torna os homens efectivamente ricos para a partilha fraterna em que encontram a sua felicidade — e este é o caminho de posse do Reino.

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

● «Já tocou a sineta prá escola!» O dia já começou há 2 horas com a oração da manhã, pequeno-almoço, arrumo da casa e as pequenas obrigações da manhã.

O toque da sineta corre pelos ouvidos e pela voz de cada um. Lavam as mãos e dirigem-se para o largo fronteiro às duas escolas. Os professores são também os vizinhos mais próximos da escola.

Gostei de ouvir a sineta e gostei de contemplar este formigueiro humano, cada um à procura de si próprio para se preparar para a vida.

Senti-me feliz pelo trabalho e tantas preocupações que nos deu a construção da escola nova. Agona cada um pode sentir mais o seu lugar.

Fizemos uma pequenina inauguração. Reuniram-se todos os alunos da Instrução Primária e pedimos a Bênção de Deus para a nova escola e para todos os que a hão-de aproveitar. E depois houve uma chávena de leite e bolos para cada um. E o dia continuou, dia de esperança!

● Os nossos estudantes em Coimbra começaram logo no primeiro dia. As portas da Cooperativa de Ensino de Coimbra continuaram abertas e muito acolhedoras para os gaiatos. Fui com eles. Só nos vimos até à entrada. A casa já lhes é muito familiar. Que bem nos sabe o bom acolhimento!

O Benjamim fez o 7.º ano e ainda não sabe bem o que vai ser o Propedéutico. Eu também não sei. Quem saberá? Até se saber, ele ofereceu-se para cozinheiro do Lar. E lá está.

O Lita diz bem da ordem e disciplina que há na sua Faculdade de Matemática. Ele é de Engenharia. Nestes anos tem tido sempre aulas a tempo. Parece que há Faculdades que andam sempre à procura do que não encontram.

Alguns dos da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo matricularam-se no Ciclo com aulas à noite. Há esperança na arrancada.

● Dando uma vista de olhos temos encontrado tantos alu-

Cont. na 3.ª pág.



O imóvel das primeiras oficinas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo deu lugar a um amplo edifício para: Lar, Casa dos Casais, bar, biblioteca, salão de jogos e festas e pequenas oficinas domésticas.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MÚSICAIS — Apesar de já não recebermos donativos com aquela assiduidade de até há uns tempos atrás, temos agora estas cartas: Da assinante n.º 30284: «Ofereço 500\$00 e agradeço simplesmente umas orações pelas minhas intenções». De Lisboa mais esta: «Mandei ontem um vale de correio de 5.000\$00 para ajuda dos instrumentos que vós tanto desejais. Que Deus vos ajude a cultivar a virtude da alegria sã, que tanto escasseia no nosso mundo de hoje». Um obrigado muito sincero a este nosso amigo de Lisboa.

Mais uma viola de caixa oferecida através de uma senhora de Ermesinde. Mais dinheiro de uma outra amiga, 700\$00, entregues no Espelho da Moda; mais 50\$00 da assinante 28053.

Já há tempos, através deste apontamento, pedi uma pequena ajuda para a selecção de canções portuguesas e bastante conhecidas. Pois o primeiro e único assinante a dar sinal foi o Ernesto que nos enviou algumas. Ouçamo-lo: «Aqui estou a dar a minha colaboração, enviando também uma poesia minha que, se acharem boa, podem aproveitar para qualquer canção».

Evidentemente que gostámos muito do poema e, brevemente, talvez se publique nestas colunas. É um lindo poema que merece, realmente, muita atenção.

O conjunto está quase completo faltando apenas o órgão e uma viola a quem os músicos chamam solo. Para o órgão são precisos 70.000\$00. Só temos 27.000\$00. Precisamos, mais uma vez, do apoio dos nossos Leitores. Estou certo de que sim, já que conseguimos o restante material.

Recebemos também um convite da Câmara Municipal de Penafiel, a fim de participarmos na conhecida feira do S. Martinho. Actuaremos no dia 20, à noite. Vamos ver como nos sairemos.

Um obrigado a todos os Leitores que nos têm ajudado nesta campanha.

VINDIMA — Foi na sexta-feira que terminou a nossa vindima. Correu bem, dentro daquela alegria já esperada e boa disposição. O encerramento não poderia ter sido melhor. Uma sardinhada com algum do nosso vinho e a boa disposição que todos os vindimadores comungaram.

Pelo que ouvi dizer ao nosso P.º Moura, a colheita não foi má.

Resta agora o milho que, com certeza, será uma boa colheita.

No alambique está o sr. Lopes a fazer a aguardente que, últimamente, não temos cheirado (e tão bem sabe com o nosso cafézinho!) devido à colheita do ano transacto.

ANO LECTIVO — Mais um ano começou para alguns! A Escola Primária já está em pleno funcionamento, bem como a Telescola. No

nosso Lar do Porto a vida já decorre normalmente.

No respeitante aos estudantes nocturnos de Penafiel, ainda não há dia marcado para o início das aulas, nem horários..., nada! Isto no dia em que escrevo, 23 de Outubro. É provável que quando o jornal chegar às vossas mãos, haja aulas e a vida esteja normalizada.

Os prejudicados seremos nós, mais propriamente os que vão para o 9.º ano de escolaridade, que têm exames e não-de dar a matéria a correr... Bom, aguardemos!

FUTEBOL — No sábado, dia 21 do mês findo, o nosso plantel derrotou o Futebol Clube do Paraíso para a disputa de uma taça que aquele clube visitante trouxe.

Ao intervalo o marcador estava em 0-3.

No segundo tempo conseguimos marcar dois golitos. Mas, como há tempo para tudo, não poderemos dizer que ganharíamos se o jogo durasse um pouco mais.

Trouxeram a taça e levaram-na! Fomos vencidos por 2-3.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AUTO-CONSTRUÇÃO — Ela é uma mulher jovem. Casou. E motivou o marido a levantarem uma casa de raiz por suas mãos, pela Auto-construção.

→ Viver numa barraca é que não!...

A moradia sobe com um esforço sobre-humano. Apertam o cinto até mais não. E chegam ao telhado!

A jovem esposa tem, já, na sua face, o selo da loucura de muitos casais que, por todo o norte do País, suprem com a sua saúde, aquilo mesmo em que pouco se investe para as necessidades de milhares de famílias — a construção de moradias.

— Veja se nos acode! A casa já está à espera da telha... Olhe, o meu dinheiro é este...

Abre a mão: 22\$50!

— Não tenho mais nada *inté* o fim do mês! — afirma com voz forte, de quem diz a verdade.

Estamos a meados de Outubro. E ela vinha com remédios da farmácia.

Acudimos logo. A nossa missão é essa. Os olhos dela ficam toldados. Não resolvemos o problema! Mas damos a mão. E se muitas mãos se estendessem nesta cruzada nacional? Se o Auto-construtor tivesse um caminho sem grandes escolhos? Se houvesse entidades a nível local para suprir carências? Eles, os Auto-construtores, do ponto de vista sócio-económico, são os investidores mais sacrificados, e mais rendíveis, deste nosso País! E mais e mais, diria Pai Américo.

Ficamos por aqui, que é melhor.

PENSÃO SOCIAL — A coisa anda muito devagar! E enquanto *anda* assim, há requerentes que ficam pelo caminho, melhor diríamos, no ou a caminho do cemitério!

Concretamente para a maioria, a coisa ainda está nas mãos da burocracia, às voltas com a papelada!

Catam omissões, devolvem requerimentos e pedem mais indicações — só agora!:

— se o requerente «recebe ou não qualquer pensão e respectivo valor»;

— «caso seja casado(a) indicar correctamente qual o valor actual do vencimento ou da reforma do cônjuge e as demais informações solicitadas»;

— «no verso da declaração, além da indicação do modo e local de pagamento (...) é exigida a assinatura do próprio requerente ou de quem o substitua, no local indicado para o efeito», etc.

Enquanto os papéis vão e vêm, como é óbvio, o tempo passa... E, neste caso particular, não haverá retroactivos — como nas restantes pensões?

O que é muito triste, porém — íamos a dizer *escandaloso* — é que os Pobres, após tantos meses de espera, e já descrentes da pensão, abram ansiosamente o sobrescrito e... deparem com a devolução do requerimento «para um correcto preenchimento»!

Parêce que é... mas não é! Será. Quando houver quê? Isso deveriam dizer expressamente aos Pobres. Merecem que se lhes fale verdade. E ai de quem os engane! Ou não acreditássemos no Juízo Final.

PARTILHA — «Assinante do Seixal» com 1.700\$00, parte do seu vencimento. Presença mensal dum constante exemplar!

Ela desculpa esta chamada ao topo, pois não desejamos ferir a sua humildade, mas lembrar que há Trabalhadores, por esse mundo fora

(não falamos já em Misérraveis...) à espera de auxílio, porque as condições de vida se degradaram para os mais pobres, para aqueles que se promovem, esmagados pelas suas próprias forças, sem palanfrório, quase sem a ajuda de ninguém — apertando o cinto até ao último furo. São heróis escondidos, ignorados.

Vai aí acima um depoimento d'arrazar! Mas é tão duro, custa tanto... no meio da ineficácia palavrosa que é lugar comum!

Marta, da Beira Alta, envia 1.000\$00 «com o desejo de que possa auxiliar na compra de medicamentos de algum doente necessitado». Vão direitinhos à farmácia! Já hoje, pelas nossas mãos, ajudámos na compra de vários remédios.

Um amigo da Av. João Crisóstomo, Lisboa, comparece também com 1.000\$00, «na intenção de ajudar a resolver» o caso de um Auto-construtor, aqui referido oportunamente. Veio na hora H! No entanto, o fim da carta traz uma sugestão muito inteligente, diríamos cristã: «Se já não for oportuno (o donativo), aplique-o como julgardes mais útil».

Laura, do Porto, 200\$00. «Velha amiga», de Lisboa, metade. Beatriz, também da capital, com a mesma quantia.

Estremoz: obrigado pelas felicitações. A remessa foi oportuníssima.

No Espelho da Moda: 100\$00 do assinante 19177; duas vezes 500\$00 do assinante 13519 referentes aos meses de Setembro e Outubro; e 100\$00 por alma de Albertina.

De Coimbra, um vale do correio muito pesado «que se destina a uns velhinhos da Conferência. A importância é por alma de Helena e João,

muito infelizes na vida e, também, na maneira como morreram. Peço uma oração por suas almas. Eu já sou velha — conclui esta nossa Amiga — tenho 66 anos e também tive pouca sorte. Peço o favor de não porem o meu nome em O GAIATO».

Corações ao alto! Aceitemos a vontade de Deus, que sempre nos custa muito, tão frágeis somos...

«Lecista da Figueira» com 50\$00, «prova de gratidão a Deus pelas melhores dumha pessoa doente».

Por fim, uma Empregada Doméstica, agora a prestar serviço na sua terra — como cireneia — manda 100\$00. É uma carta tão rica, tão rica, que fica só entre nós.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

SALA DE CONVÍVIO — Em 23 de Outubro foram inauguradas nas nossas instalações antigas a nova sala de convívio para os mais velhos. Dela fazem parte jogos de bilhar livre, *snooker*, *matraquilhos* e *ping-pong*, entre outros; de mesa, como *damas*, *gamão* e *xadrez*, modalidade que está agora muito na moda, talvez devido ao campeonato mundial, que se efectuou nas Filipinas entre o campeão Karpov e o candidato ao título Korchnoi, os quais cá por Casa tiveram muitos adeptos. Talvez fosse isso que levou muitos dos Rapazes a interessarem-se por tal modalidade. Já por cá se fala em fazer um campeonato interno; esperemos que não desistam da ideia ou de quando estiverem a jogar perderem a Rainha...

Mas os mais pequenos não ficaram esquecidos. Também eles irão ter a sua sala de convívio, com os respectivos jogos, onde não irão faltar as mesas de *matraquilhos* de que tanto gostam.

LAVANDARIA — Finalmente temos o sonho realizado. A nova lavandaria foi também inaugurada no dia 23 do mês passado. Lavandaria que agora está apetrechada com boas máquinas. Duas máquinas de lavar, uma de secar entre outras. Decerto que não vai faltar roupa para lavar; os mais pequenos encarregam-se disso, mas certo é que a roupa vai chegar aos rapazes limpa a tempo e horas.

PEDIDOS — Sapatos: Está a chegar o Inverno, época de chuva e frio. Para superar estas dificuldades climáticas e a fim de evitar as gripes e constipações, precisamos de sapatos a condizer com a época, nas medidas compreendidas entre os números 30 e 40.

Obrigado.

Guarda-chuvas: Começou o novo ano lectivo e em nossa Casa aumentou o número de estudantes. Pois os guarda-chuvas que temos estão em péssimas condições e não chegamos para todos. Mais uma vez contamos com a boa vontade e a amizade dos nossos amigos Leitores, certos de que nos irão remediar.

Obrigado.

António José



Ricardo Alexandre e Ana Cristina, filhos do Zé Adolfo.

Os livros de Pai Américo

■ «Junto um cheque que se destina a uma pequena oferta retribuindo a atenção que tiveram em me enviar, e a meu pedido, o livro DOCTRINA do nosso P.e Américo.

Ainda não o li com a atenção que ele merece, pois ele terá que ser «mastigado», como soe dizer-se, para uma interiorização que se impõe.» — MEALHADA

■ «Venho agradecer o envio do 2.º volume de DOCTRINA, do Padre Américo. Foi com grande satisfação que o recebi, e li-o depressa, de ponta a ponta, com a sofreguidão dum alma que tem sede.

Agora ando a relê-lo, devagar, para meditar e chorar. Meditar na nossa fraqueza e chorar a nossa impotência... Tanto para fazer, e termos de ficar de braços caídos...

Tudo o que foi escrito pelo Padre Américo mostra a sua grandeza e toda a sua humildade. A sua fé tão profunda e a sua absoluta confiança em Deus são para nós um exemplo;

mas como nos sentimos tão pequenos perante tamanha grandeza...! Gostaríamos de ir como ele, contra tudo e contra todos, e se é certo que não podemos, pois não somos livres, também é certo que desanimamos e fracassamos nas horas de maior sofrimento, e às vezes nem somos capazes de nos libertar de pequenas coisas que nos prendem ao mundo, e não sabemos aprender a voar...

Na minha vida de solidão moral e de angústia, os seus livros têm sido muitas vezes motivo de conforto, mas também de inquietação. E é preciso que o mundo se inquiete com esta doutrina. Mas perdemos tão depressa o entusiasmo, e somos tão pobres na nossa vida, quando a deveríamos pôr ao serviço das outras vidas...!

Que Deus nos ajude a seguir pelo caminho que o Padre Américo nos ensinou, e vos conforte nas horas de desânimo. Fazel uma oração por mim, que tanto preciso, para que me dê saúde e me perdoe tantos momentos de descrença na Sua infinita Bondade.

Mando hoje um vale com

uma modestíssima quantia para a vossa Editorial.

A vossa Obra é tão grande e o bem que faz é tanto que Deus não pode abandonar-vos. É um fogo de amor que nos consome, e quanto mais vos damos mais sentimos que mais vos devemos. Estamos sempre em dívida, porque o que dá, é aquele que mais recebe.» — ESPINHO

UMA VISITANTE DE 103 ANOS!

Foi numa bonita tarde de sol outonal que recebemos a visita de uma dezena de pessoas idosas do «Centro de Dia de Lordelo (Porto)», para a Terceira Idade, a cargo do Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo, daquela cidade.

Entre essas pessoas idosas destacava-se uma senhora de 103 anos!

Para mim, pessoalmente, foi uma surpresa. Nunca tinha visto um ser humano de tanta idade.

Como já mal pode andar, esta senhora esteve somente em nossa Capela. O resto do tempo, enquanto os companheiros de viagem percorriam a nossa Aldeia, permaneceu, no veículo, em conversa comigo. Oportuna entrevista que revelo aos nossos leitores:

— Quantos anos tem?
— 103 anos.
— 103 anos!
— Qual o seu nome de baptismo?

— Sou Maria Rodrigues. Esquecemos de perguntar-lhe donde é natural. Foi pena!

— Conheceu o nosso Pai Américo?

— Não! Não conheci... o Padre Américo. Mesmo assim, não sei... Não estou lembrada das feições dele, lá isso não.

— Desde há quantos anos ouve falar da nossa Obra?

— Só hoje conheço a sério a Casa do Gaiato, a vossa Obra...

— Do que gostou mais da nossa Aldeia, neste dia, como vê, com um belo sol de Outono?

— Olha, gostei de tudo, tudo. Mais... da vossa Capelinha.

■ «Recebi, em devido tempo, o livro DOCTRINA. Gostei imenso, e procuro que colegas minhas o leiam, pois é seiva para o nosso espírito. Se nós seguíssemos um pouco o caminho de Pai Américo, como este mundo seria bom, pois isto é uma passagem!...» — GONDOMAR

■ «Acabo de receber a vossa preciosa encomenda. E logo me agarrei ao BARREDO que eu muito desejava possuir. Os outros livros — VIAGENS, ISTO É A CASA DO GAIATO... — também os aprecio muito.

Tenho de acrescentar que tive de interromper a leitura porque, desta vez, as lágrimas

eram mais abundantes e corriam pela cara abaixo.

Além disso quero agradecer a vossa tão grande generosidade, facilitando o envio de alguma dádiva pelos vossos livros, pois não me atrevo a dar o nome de «pagamento» pelo que eu considero impagável.

Logo que possa, irei mandando alguma coisa.

Tenho muita pena de que não haja aqui assinantes de O GAIATO e leitores dos vossos livros. Acho que são poucos.

Embora me custe muito que mos estraguem, não posso deixar de começar a emprestá-los, sobretudo a pessoas menos esclarecidas.» — FARO

queria a menina; toda a gente. Eu era e sou pobre, mas até os ricos queriam a minha menina!

E a menina, ao lado, não interferia no diálogo da mãe. Deixava-a em inteira liberdade.

Outra pausa. São 103 anos. E completa a resposta:

— Tenho mais duas filhas, uma com 71 e outra com 67 anos; e ainda um rapaz de 58 anos.

Já no fim, revela mais uma curiosidade que não diz nada bem do nosso País:

— Só fui reformada às 100 anos! Poderia ter sido mais cedo, mas desconhecia isso...

Como esta, quantos Pobres por esse País fora! Os responsáveis haviam de vir prá rua, prós becos, pró meio dos Pobres ouvir esta verdade. Mas não! Metem-se em Lisboa... e naquilo que a gente sabe. Que tristeza!

«Marcelino»

REFLEXÃO

«Há dias, uma senhora do povo entregou-me, à porta da capela, uma saquinha de maçãs, dizendo:

— Não são grande coisa, mas coza-as para as velhinhas.

Havia tanto carinho no seu olhar, no sorriso, na voz, que me impressionou profundamente. Fiz de contínuo um exame de consciência. Será que aquilo que eu ofereço ao Senhor ou aos Irmãos, vai repassado de tanto amor, carinho, alegria?

Servir com alegria! Que o meu olhar vá cheio de ternura e mostre a felicidade de dar! O sorriso embeleza a dádiva. Servir o Senhor cantando e não como quem faz um frete aborrecido! Vamos sorrir; vamos esperar confiadas: «Vem Senhor Jesus, iluminar o Mundo! Sorri para nós, Senhor!»

(In «Ecos da Betânia»)



O Artur e a Florinda casaram em nossa Capela de Paço de Sousa.

TRIBUNA de COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

nos sem aulas! Tantos professores sem trabalho! Tantos que não querem aceitar o que lhes foi ou é oferecido!

Muitos habituaram-se a viver só dos empréstimos. Será que para o futuro também tenhamos que viver com instrução emprestada? Se não queremos agarrar-nos a sério aos valores que temos! Por que andamos a desperdiçar tanto tempo?

O nosso professor José Domingos foi colocado na T.V. escolar, no Piódão. É uma aldeia perdida numa fundura da serra da Estrela. Aldeia turística, berço de heróis e de santos.

Estamos todos colocados. Sentimo-nos felizes. A escolha não é só fruto de cada um. No aceitar está a manifestação da nossa liberdade.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

«Os homens a quem nesta vida nada falta, podem, sim, fazer discursos; mas a massa enorme dos que não têm não acreditam» (Pai Américo).

Quem tem responsabilidades educativas e não se furta a assumi-las, por maior serenidade de espírito que possua, não pode deixar de passar horas atribuladas no tempo presente. Destruir é fácil, deixar correr não o é menos; enfrentar a rudeza e os espinhos do dia-a-dia implica sacrifícios e perseverança que vão desgastando de maneira contundente e irreversível.

Um falso conceito de vida e de facilidades irreais arrastam os jovens para os precipícios da desmoralização e do tédio. As atracções oferecidas, enganosas e subtis, vão demolido tudo o que há de válido e de sadio. Não admira, pois, que o carácter das pessoas deixe muito a desejar e a generosidade e o espírito de luta e de sacrifício sejam quase inexistentes. A época é, logicamente, dos abúlicos e dos encostados, ao sabor dos expedientes e dos golpes, mas fértil de falaciosos incosequentes. A lealdade, a camaradagem, o respeito pela palavra dada e outras virtudes fundamentais rareiam, quando não inexistentes e, o que é mais grave, tal estado de coisas passou a considerar-se como normal e aceitável. O tempo é, de facto, trágico.

Um Ensino degradado, sem qualidade e expressão adequada à hora e ao condicionamento histórico-cultural da sociedade portuguesa, vai criando, ante a passividade ou incapacidade de resposta dos pais e dos adultos em geral, uma situação crítica de impasse. A «escola fácil», de que falava o inesquecível Paulo VI, sem exigência, disciplina e método, é a mais desejada pela maioria dos alunos, dos mestres e por todos aqueles que estão interessados no caos.

O desemprego, com as suas deletérias consequências; a falta de vontade de trabalhar de muitos; a irresponsabilidade ou incompetência de bastantes homens colocados nos postos-chaves, são outras razões que acicam ou favorecem as tristes calamidades constatadas no mundo da droga, do crime, da prostituição e da desgraça.

Segundo estimativas publicadas, mais de 50 mil jovens vão juntar-se este ano ao meio milhão de desempregados deste País. Tendo em conta, por outro lado, que cerca de metade dos que ainda buscam emprego são pessoas com menos de 25 anos e que a juventude constitui à volta dum terço da população activa, ver-se-á do grave drama que a afecta, sem esperanças realistas, a curto

prazo, de melhores dias. Multidões de gentes, sem preparação, aliás, com necessidades de vários tipos, mal habituadas pelo exemplo dos adultos, privadas de ideal, sem disponibilidade para o sacrifício e para a renúncia, vão engrossar o caudal dos sem ocupação, mas cheias de exigências e de pretensões, nem sempre legítimas ou então utópicas. Os resultados não serão de difícil previsão, infelizmente.

«Para baixo todos os santos ajudam», afirma o Povo, no seu peculiar sintetismo, cheio de sabedoria e de profundidade. Se as famílias, os educadores e os homens responsáveis

deste País não estão à altura do que lhes compete, não podemos admitir-nos que a juventude seja o que se vê. Mais, não a julgaremos com justiça, se a culpamos daquilo que é, lógica e naturalmente, fruto das demissões dos adultos e dos maus exemplos recebidos.

Há que arrear caminho e ter a coragem de assumir em pleno as nossas responsabilidades. Pela parte que nos toca desejaríamos inculcar no espírito daqueles que nos foram confiados, pobres e muitas vezes desprovidos de tudo, o sentido do dever, que a vida não é fácil e que importa fazer sacrifícios e esforços para vencer, numa visão de empenhamento e de solidariedade absolutos. Os tíbios, os mornos, os egoístas e os nascidos para se encostar têm de ser combatidos, que para eles não pode haver lugar neste Mundo. Sentimos, porém, como aqui já foi referido, que sem uma reforma ex-

pressiva dos costumes e o espírito de bênção e de serviço dos homens públicos, pouco podemos humanamente conseguir. Saibam os poderosos desta Terra, «a quem nesta vida nada falta», lembrar-se da «massa enorme» dos que nada têm, abdicando de palavras estereis e sem sentido, antes pondo à disposição de todos, e em particular dos que surgem para a maturidade, os meios morais e materiais indispensáveis, para felicidade e bem-estar das populações. Só assim cumprirão o seu dever e será possível dar continuidade e expressão aos esforços realizados por aqueles que, embora humilde e discretamente se vão consumindo em ordem a formar homens dignos e capazes, verdadeiros cidadãos livres duma Pátria que bem precisa de olhar pelos seus filhos.

Padre Luiz

CONTRASTES

Cont. da 1.ª pág.

Esta carta é um documento de acusação e um desafio ao mundo. Cinco contos seiscientos e cinquenta, depois de paga a renda da casa, uma casa já deficitária em espaço para a família que a habita, ninguém dirá que é fartura. Mas chega! Aliás, quando o espírito das pessoas é como o deste casal, quanto há chega sempre para eles e para repartir. E o repartir é a garantia do necessário a cada dia.

O Evangelho fala-nos de duas multiplicações de pão. A Escritura diz-nos mais vezes da suficiência que se segue à penúria, depois de um acto heroico de partilha. A vida cristã, sem apelo ao milagre, bem enraizada na ordem da Providência de um Deus que é Amor, é plena e perene demonstração de que assim é. «A nossa riqueza é a nossa Pobreza» — deixou-nos Pai Américo em testamento. E não apenas a nós, mas a tantos a quem a sua palavra chega como interpegação à Vida. O signatário desta carta é um deles. Quantos com salas vazias, com rendimentos muito superiores, leram a mes-

ma notícia, até com alguma emoção e se ficaram por aí. Também naquele tempo havia muitas viúvas no Oriente, mas só a de Sarepta foi enviado Elias.

«Compartilhará do que temos e do que vivemos... não prometo casa rica. Mas prometo paz, sossego e amor, se eu serei capaz disso.» Af está a verdadeira riqueza, a maior que se pode fruir neste mundo: paz, sossego e amor. E a fundamentar a frutificação destes bens, o humus da Humildade: «se eu serei capaz disso». Uma dúvida que o próprio admite, um receio de si mesmo, apesar da boa-vontade espontânea que o leva a dispor de si e dos seus em favor do irmãozito que nem conhece. Bem-aventurados os Pobres... e também os Humildes.

Depois, um programa perfeito: «Fome não passará... Frio também não... A educação, para além da Escola, dar-lha-ei dentro das minhas modestas possibilidades intelectuais».

O menino, para agora, não virá. P.e Filipe, entretanto, continuou suas diligências e descobriu uma pista que lhe parece a melhor solução. Mas permanece o clarão aceso por esta resposta consciente: «Bem sei as responsabilidades que assumo (...) caso ele venha (...) até que outra porta mais rica — sob todos os aspectos — se abra para receber esse menino».

Oxalá assim seja para ele, a porta aonde conduz a pista que P.e Filipe descobriu.

Oxalá assim seja para ele, a porta aonde conduz a pista que P.e Filipe descobriu.

Oxalá assim seja para ele, a porta aonde conduz a pista que P.e Filipe descobriu.

Padre Moura

Padre Carlos

UMA CARTA

«Hoje acabo de enviar a quantia de 308 marcos que serão entregues nessa Casa, cujo destino ou finalidade lho darão como entenderem, pois uma vez que as necessidades são tantas, acho por bem entregar o seu destino em V. mãos, que melhor do que eu saberão aonde serão melhor empregados.

Este dinheiro tem uma história, breve e simples, como tantas outras em nossos dias, infelizmente.

Ele é fruto total do primeiro mês de trabalho de um dos meus filhos, que terminou o seu tempo escolar. Por tal motivo, nova vida teria de começar. E não foi sem grandes dificuldades que se arranhou emprego, uma vez que também por cá — na Alemanha Federal — não abundam os postos de trabalho.

Caso não tivesse arranjado serviço, dentro do tempo de férias grandes, ele teria que ir mais um ano para outra Escola, o que seria quase um ano perdido. Mas, por obra e graça de Pai Américo — a quem minha esposa pediu auxílio — esse mesmo trabalho surgiu a dois dias do fim das férias embora não fosse o que desejávamos verdadeiramente. Deus o ajude, pois ele anda contente.

Portanto, esse dinheiro é o pagamento prometido pela graça recebida através desse imortal e inesquecível Padre Américo, exemplo vivo para os nossos políticos de como se faz socialismo, democracia e amor em prol de todo um povo ávido de melhores dias e melhor sorte. Padre Américo é, para mim, o maior socialista que o nosso Portugal teve até ao momento, do qual V. são fiéis continuadores.

Em meu nome, e em nome dos meus, peço a Deus que vos conceda força e graças necessárias para continuarem uma Obra que não pode morrer nem parar, embora tenham de lutar contra tudo e contra todos.

Peço o favor de me enviarem, se possível, todos os livros do Padre Américo que porventura tenham e, ao mesmo tempo, o preço dos mesmos, para de imediato enviar o respectivo dinheiro.

Agradeço, ainda, o meu anonimato sobre o dinheiro que envio.

Termino pedindo apenas a toda essa grande Comunidade uma oração a Deus para que nos ajude a criar nossos filhos cristãmente e a fazermos deles homens dignos para amanhã...»

Nota da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

grafias do casamento, aos 35 anos, parecia um doutor e hoje, um homem gasto, magro e enrugado. Ninguém diria que era o mesmo homem.

Pedi-lhe para almoçar. Só comeu sopa e deu o segundo prato ao filho. Nesse dia, os cozinheiros foram «unhas de fome». Ou as batatas à espanhola estavam muito boas. Até eu fiquei a olhar para o prato depois de pedir e a resposta ser: «Não há mais». A comida, quando é boa, só não costuma faltar quando é dia de festa. Mas aquele não era dia... Nem sequer de aceitar o miúdo! Temos a Casa cheia. Há muitos pedidos de admissão na «lista de espera». Há ainda quem poderia vir ajudar-nos e não vem, porque há «casas, campos, pais, irmãos, amigos», que não deixam. O Evangelho. A mãe deixou o lar. O pai tem que deixar tudo. O pequeno, quando vier para cá, só quer trazer o triciclo que o pai lhe fez e que este o visite todos

os dias. Para ele já não há impossíveis. Para estas crianças, depois de «tudo» perdido, a imaginação e o triciclo, a sensibilidade e as coisas suas, ainda são um tesouro. E se elas não fossem o maior tesouro não saberiam falar dos triciclos, quando os adultos falam de grandes «desastres». Até nestes «desastres», «Deus põe a mão por baixo». Nós é que não. E por isso o Evangelho continua a ser o livro das histórias, das parábolas, dos milagres... Deus queira que o triciclo dure mais uns meses, até termos lugares vagos. Também eu queria...



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa